

## SISTEMATIZAÇÃO DE MODELOS DE ENSINO DO HANDEBOL NA FORMAÇÃO DE JOGADORES

SYSTEMATIZATION OF HANDBALL TEACHING MODELS IN PLAYER TRAINING

SISTEMATIZACIÓN DE MODELOS DE ENSEÑANZA DE BALONMANO EM LA FORMACIÓN DE JUGADORES

Angelo Mauricio de Amorim <sup>1</sup>

Alexandra da Paixão Damasceno de Amorim <sup>2</sup>

José Carlos Mendes <sup>3</sup>

Juarez Vieira do Nascimento <sup>4</sup>

**Manuscrito recebido em:** 08 de junho de 2021.

**Aprovado em:** 28 de setembro de 2021.

**Publicado em:** 28 de outubro de 2021.

### Resumo

O handebol é um esporte coletivo de invasão, com disputa simultânea da posse de bola tanto para proteger sua meta quanto para atacar a meta do adversário para marcar gols sem violar regras específicas. O processo de ensino-aprendizagem-treinamento para crianças e jovens tem sido estruturado por distintas propostas teóricas em diversos países. Neste cenário, esta revisão de literatura procurou descrever as distintas proposições, enfatizando sobre modelos de ensino adotados para a formação de jogadores. A sistematização processo de ensino-aprendizagem-treinamento aplicado ao handebol torna-se fundamental, pois indica os pilares que orientam as formas de jogar a modalidade: cooperação entre os membros de sua equipe e oposição aos adversários ao pensar as tarefas de aprendizagem. Nas propostas investigadas, o processo ensino-aprendizagem-treinamento é estruturado a partir de dimensões situacionais que tomam como referência o comportamento tático-técnico da modalidade, com a utilização de estímulos incidentais que potencialize a capacidade de jogo e a resolução de situações-problema. As tarefas de treino ocorrem a partir das formas básicas de jogo, nas quais são oportunizadas situações para a compreensão do jogo a partir das condutas táticas.

---

<sup>1</sup> Doutor em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professor na Universidade do Estado da Bahia.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8477-7452>

Contato: [amamorim@uneb.br](mailto:amamorim@uneb.br)

<sup>2</sup> Mestre em Dança pela Universidade Federal da Bahia. Professora na Universidade Salvador e no Centro Universitário UniFTC.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3929-5702>

Contato: [paixao.alexandra@gmail.com](mailto:paixao.alexandra@gmail.com)

<sup>3</sup> Doutor em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professor na Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7101-0933>

Contato: [spock12hand@hotmail.com](mailto:spock12hand@hotmail.com)

<sup>4</sup> Doutor em Ciências do Esporte pela Universidade do Porto. Professor no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0989-949X>

contato: [juarez.nascimento@ufsc.br](mailto:juarez.nascimento@ufsc.br)

**Palavras-chave:** Ensino; Esporte; Handebol.

#### **Abstract**

Handball is a team sport of invasion, with simultaneous dispute of possession of the ball both to protect your goal and to attack the opponent's goal to score goals without violating specific rules. The teaching-learning-training process for children and young people has been structured by different theoretical proposals in several countries. In this scenario, this literature review sought to describe the different propositions, emphasizing the teaching models adopted for training players. The systematization of the teaching-learning-training process applied to handball is fundamental, as it indicates the pillars that guide the ways of playing the sport: cooperation between team members and opposition to opponents when thinking about learning tasks. In the investigated proposals, the teaching-learning-training process is structured from situational dimensions that take as reference the tactical-technical behavior of the modality, with the use of incidental stimuli that enhance the game capacity and the resolution of problem-situations. The training tasks are based on the basic forms of the game, in which situations are provided for understanding the game based on tactical behavior.

**Keywords:** Teaching; Sport; Handball.

#### **Resumen**

El balonmano es un deporte de equipo de invasión, con disputa simultánea de posesión del balón tanto para proteger tu portería como para atacar la portería del oponente para marcar goles sin violar reglas específicas. El proceso de enseñanza-aprendizaje-formación para niños y jóvenes se ha estructurado a partir de diferentes propuestas teóricas en varios países. En este escenario, esta revisión de la literatura buscó describir las diferentes propuestas, enfatizando los modelos de enseñanza adoptados para la formación de jugadores. La sistematización del proceso de enseñanza-aprendizaje-entrenamiento aplicado al balonmano es fundamental, ya que señala los pilares que orientan las formas de practicar el deporte: la cooperación entre los miembros del equipo y la oposición a los oponentes a la hora de pensar en las tareas de aprendizaje. En las propuestas investigadas, el proceso de enseñanza-aprendizaje-formación se estructura a partir de dimensiones situacionales que toman como referencia el comportamiento táctico-técnico de la modalidad, con el uso de estímulos incidentales que potencian la capacidad de juego y la resolución de situaciones-problema. Las tareas de entrenamiento se basan en las formas básicas del juego, en las que se proporcionan situaciones para la comprensión del juego basadas en el comportamiento táctico.

**Palabras clave:** Docencia; Deporte; Balonmano.

#### **Introdução**

O handebol é atividade esportiva dinâmica e simples, com exigências gestos habituais da vida cotidiana, em especial do cotidiano das crianças, como o correr, o saltar e o arremessar (SANTOS, 2014). É um esporte coletivo de ocupação simultânea do espaço pelas equipes podendo haver certo contato físico entre os adversários (ESTRIGA,

MOREIRA, 2014), caracterizado pela cooperação entre os membros de sua equipe e oposição aos da equipe adversária (KNIJNIK, 2009).

O handebol é um esporte coletivo de invasão que demanda cooperação entre os membros de sua equipe e oposição aos membros da outra, existe a disputa da posse de bola simultânea tanto protegendo uma meta quanto atacando a do adversário para marcar gols sem violar regras específicas. É um esporte com grande complexidade perceptiva e decisiva, trata-se de um esporte interativo, no qual continuamente se emite informação e se interpreta informação e há muito pouco tempo para tomar decisões (GRECO, SILVA, GRECO, 2012).

A estrutural funcional do handebol, perpassa por quatro fases para cada equipe (defesa, contra-ataque, ataque e retorno a defesa) que se correlacionam e se retroalimentam, não necessariamente, seguindo uma lógica linear (AMORIM, 2017). Apesar de se tratar de uma estrutura sequencial, existem infinitas possibilidades de desdobramento, mesmo com as limitações impostas pela regra do jogo, como: o terreno de jogo, a duração da partida, o manejo com a bola, a conduta para com o adversário, dentre outras.

Esta estrutural concretiza-se em um ambiente dinâmico e de alta complexidade, no qual ocorrem ações de confronto em função da posse da bola, ou seja a equipe no ataque procura ganhar espaço e criar situações de finalizações com objetivo de marcar o gol, a equipe sem a posse da bola (defesa) se opõem as ações ofensivas com objetivos de recuperar a bola, independente do sucesso (ataque ou defesa), ocorre uma fase de transição, ou seja os atacantes realizam um retorno defensivo e convertessem defensores, enquanto os defensores convertessem em atacantes realizando o contra-ataque (CORONADO, 2002). Entretanto, não há uma sequência rígida de desenvolvimento desta estrutura, pois está condicionada por situações de interações de oposição/colaboração dos jogadores em função de aspectos básicos como: a estratégia da própria equipe e do adversário e o desenvolvimento dinâmico do próprio jogo (GARGANTA, 2000; SILVA, 2008; SOUSA *et al.*, 2015).

A atuação efetiva dos jogadores no contexto descrito está diretamente associada aos estímulos de distintos princípios e conceitos vivenciados durante o processo formativo do jogador, sendo exigida uma adequada estruturação e hierarquização de objetivos e conteúdos para a aquisição das tomadas de decisões mais eficazes durante as etapas do processo de desenvolvimento esportivo. Apesar de divergências entre os autores, em relação à faixa etária e a distribuição de conteúdo entre as etapas formativas do jogador de Handebol, há consenso que ocorra um aumento gradativo na complexidade das ações individuais, grupais e coletivas ao longo das etapas para a qualificação dos jogadores para máximas prestações esportivas (ANTÓN, 2000; EHRET et al., 2002).

Além disso, observa-se que no campo de aplicação prática e do processo de ensino dos conceitos, competências e habilidades para jogar o handebol, há distintos modelos e proposições teóricas formuladas para as etapas de formação e desenvolvimento do jogador de handebol. A partir do exposto, estruturou-se uma revisão de literatura (RODRIGUES, 2021) de quatro propostas de sistematização dos modelos de ensino aplicados ao handebol, considerando as implicações propostas pelas seguintes obras: Manual de Handebol (GRECO; ROMERO, 2012); o manual de treinamento de base (EHRET et al., 2002); O ensino do handebol orientado pelo Jogos para compreensão (ESTRIGA; MOREIRA, 2014) e, o ensino do handebol orientado pela Iniciação Esportiva Universal (GRECO; BENDA, 1998).

### **Modelo de ensino do Manual de Handebol**

A proposta para sistematização da formação esportiva brasileira presente no Manual de Handebol<sup>5</sup> contribuiu para a padronização de terminologia sobre a modalidade no país (UEZU, 2014) e propôs o processo de desenvolvimento esportivo a partir de três estágios (formação, transição, decisão / readaptação), com fases peculiares e específicas para orientar as etapas de aprendizagem do handebol. No estágio de formação, propõe

---

<sup>5</sup> obra produto dos Encontros Nacionais de Professores de Handebol das Instituições de Ensino Superior que reuniu textos publicados pela Real Federação Espanhola presentes nas obras “*Balonmán: manual básico*” e “*Balonmano*”.

estimular habilidades básicas (até os 6 anos), habilidades esportivas (6 a 8 anos) e combinação de habilidades esportivas (8 a 10 anos).

Nesta proposta, as fases estão constituídas ao longo de uma estruturação temporal, na qual há uma interação entre as atividades do processo de treino, exigências de rendimento e experiências em competições. Durante o estágio de formação, há uma sugestão que a prática do Mini-handebol<sup>6</sup> seja a forma de jogo implementada, em virtude das estratégias teóricas que indicam a necessidade do “jogar para aprender”, ou seja ênfase nos automatismos inconscientes por meio de atividades de oposição (KNIJNIK, 2004).

Além disso, a proposta enfatiza a necessidade do desenvolvimento das capacidades coordenativas que servirão de base para a aquisição das habilidades motoras para prática da modalidade, devidamente estruturadas em atividades propostas pela premissa da Escola da Bola (KROGER; ROTH, 2002), a qual enfatiza o aprendizado incidental por meios de jogos dos elementos que compõem o jogo.

No estágio de transição, a primeira fase é a de universalidade esportiva (10 a 12 anos), orientação (12 a 14 anos) e direção (14 a 16 anos). A fase de universalidade corresponde a primeira categoria de formação competitiva do Handebol (categoria mirim ou sub 12), a utilização de jogos ainda é recomendada, a partir do estímulo às referências do jogo em suas fases (defesa, contra-ataque, ataque e retorno a defesa), são introduzidas gradativamente as formas de jogar em estruturas funcionais, partindo das com menor nível de capacidade perceptiva e decisória. A proposta sugere uma universalização de experiências valendo-se da estrutura formal do jogo de handebol (7X7), na qual os participantes devem experimentar jogar em todos os postos específicos, inclusive goleiro sem especializar em posições (GRECO; SILVA GRECO, 2012).

Na sequência, ainda no estágio de transição na fase de orientação, correspondente a categoria infantil (sub14), propõe o ensino formal do handebol, com estímulos para aprendizagem dos elementos táticos-técnicos individuais, meios tático de grupo e sistemas de ataque e defesa, entretanto reforça que as tarefas de treino sejam oportunizadas a

---

<sup>6</sup> É uma atividade de iniciação de forma adaptada do jogo formal, lúdica e global para crianças de 5 a 10 anos.

partir de estruturas funcionais (1x1, 1x1+1, 2x1...), nas quais devem ocorrer com uma e organização do jogo por zonas de ataque e defesa, em especial os estímulos de defesas altas, mantendo a maior relação possível entre as tarefas motoras e processos de tomada de decisão em grupo.

Na última fase do estágio de transição, correspondente a categoria cadete (sub16), busca-se um “equilíbrio nos processos de aprendizagem incidental-intencional” (GRECO; SILVA; GRECO, 2012, p. 248) ao potencializar aspectos ligados a articulação entre as fases do jogo (ataque/retorno a defesa/ defesa/ contra-ataque), diversificando os sistemas e especializando em postos específicos os praticantes.

O terceiro estágio, correspondente ao de decisão (a partir dos 16 anos), constitui ao momento em que os praticantes a partir do estímulo aos conteúdos anteriores pode optar entre as diversas formas de apropriação de uma prática esportiva, seja como forma de prática regular de atividade física, admirador da modalidade, praticante recreacional ou se readaptar e aprofundar nas formas de jogo e treinamento na categoria juvenil (sub 18) e superiores visando alto nível de rendimento.

### **Manual de Treinamento de Base**

A proposta inserida no Manual de Treinamento de Base, foi sistematizado com chancela da Confederação Alemã de handebol (EHRET *et al.*, 2002), a proposta estrutura o processo de formação e desenvolvimento do jogar em quatro fases, as quais foram divididas a partir de faixas etárias distintas, nomeadamente: fase 1, até 12 anos (composto pelas categorias mini-handebol, 6 a 10 anos e mirim, 11/12 anos); fase 2, categoria infantil (13/14 anos); fase 3, categoria cadete (15/16 anos); fase 4, categoria juvenil (17/18 anos).

A ideia proposta pelos autores (EHRET *et al.*, 2002) estimula a formação dos jogadores capazes da prática de um jogo criativo, caracterizado o aumento da velocidade, antecipação da situação, jogo posicional variável e polivalente (allrounder). A proposta de formação é orientada para que ocorra progressões sucessivas referentes a formação individual, trabalho em pequenos grupos e tática de equipe, com a valorização de elementos técnico-táticos em detrimento à ênfase nas valências físicas para os jogadores

assumirem uma proposta de jogo 1x1 pautado pela velocidade e força, do qual, pode ser desenvolvido em outro momento. Em relação ao desenvolvimento do ataque, a ideia é oportunizar situações de sequência do jogo com solicitações de ações em pequenos grupos de jogadores, enquanto na defesa deve existir alta flexibilidade a partir das variações individuais e diferentes formas de jogo defensivo. Em todas as fases desse modelo sugere o aprendizado dos esquemas motores sem oposição ou com oposição passiva para posteriormente, inserir ações de oposição ativa, alternando tarefas com apoio, superioridade e/ou inferioridade numérica.

Na primeira fase (até 12 anos) o mais importante é motivar o praticante para a prática do handebol, com ênfase numa formação motora múltipla e variada, tendo como premissa as formas de jogo 4+1, de forma livre com estímulo a defesa individual (EHRET *et al.*, 2002). Na fase 2 (até 14 anos), tem como intencionalidade o desenvolvimento criativo da capacidade de jogo, valendo-se de atividades em diferentes estruturas funcionais para estimular as relações técnico-táticas, na qual jogar é mais importante do que se exercitar, sendo proibido a colocação dos jogadores precocemente em posições específicas (EHRET *et al.*, 2002).

Neste cenário, a capacidade de jogo deve ser compreendida como um processo de solução de situações-problemas individuais e comuns ao ambiente de jogo, manifestada em resposta aos “desequilíbrios provocados na cooperação e na oposição [...], além disso está relacionada às influências exteriores e às motivadoras vividas no ambiente de jogo” (REVERDITO; SCAGLIA; 2009, p. 185). Ou seja, quanto maior for a diversificação das experiências, maior será o estímulo às capacidades de jogo dos praticantes.

Em relação ao desenvolvimento dos aspectos defensivos, a proposta recomenda para a fase 2 a utilização de sistemas zonais de marcação, como predominância dos sistemas mais abertos, como por exemplo o sistema 1:5, caracterizado por um (01) jogador ocupando a primeira linha defensiva e os demais (5) ocupando a segunda linha defensiva. Além disso, deve-se manter situações de jogo com permanência de marcação individual e a oportunizar tarefas de treino em situações simplificadas de jogo (1x1, 2x1, ...), nas quais podem ser introduzidos os meios táticos de grupo ofensivos e defensivos (permutas, cruzamentos, troca de marcação, entre outros) (EHRET *et al.*, 2002).

Por outro lado, na fase 3, os autores sugerem uma transição gradativa entre tarefas de treino formativas para tarefas de treino com níveis de exigências mais elevados de desempenho específico da modalidade. Nestas tarefas a capacidade de jogo ainda se mantém como objetivo principal, todavia devem oportunizar situações com variações defensivas em sistemas zonais mais fechados (3:2:1; 3:3 e 4:2), nas quais o jogo ofensivo também deverá ocorrer em forma de sistema, com posicionamentos iniciais 3:3 com solicitações de variadas transformações para o sistema 2:4. Entretanto, não deve ser esquecido a ideia central da proposta, ou seja, a formação e o desenvolvimento de jogadores “allrounders”, estimulando para que todos atuem em diferentes postos, mesmo que nesta fase ocorra a especialização em postos específicos. Por fim, na fase 4 (até 18 anos) a ideia central é concretização do processo de formação dos jogadores, os quais devem ter a capacidade de jogar em distintas formas de ataque à frente de formas variadas dos sistemas defensivos (6:0, 5:1, 4:2, 3:2:1, 3:3), fortalecendo as relações de continuidade e estruturação entre as fases do jogo (ataque, defesa, contra-ataque, ataque, retorno à defesa).

Em síntese, em todas as fases desse modelo proposto parte do aprendizado dos esquemas motores sem oposição ou com oposição passiva. Busca a diminuição gradativa nas tarefas a redução do praticante que está fazendo a função de apoiar, ou seja, em ações 2+1.

### **Proposta de ensino para compreensão dos elementos do handebol**

Estriga e Moreira (2013; 2014) sinalizam as reflexões para o ensino das formas de jogar o handebol tomando como referência o modelo de Jogos para a Compreensão (TGFU), considerando “a valorização da componente cognitiva e tática na aprendizagem do jogo” (ESTRIGA; MOREIRA, 2013, p. 124). A ideia central da proposta ressalta a necessidade de um processo de ensino-aprendizagem-treinamento no qual as habilidades técnicas emergem em virtude de sua relevância para a resolução dos problemas de jogo implícitos nas tarefas de treino, ou seja, a aprendizagem das habilidades técnicas é

condicionada a cada contexto tático inerente nas distintas situações impostas durante o jogo.

O processo de formação e desenvolvimento dos jogadores também é estruturado em quatro etapas, com aprendizagem centralizada na lógica do jogo, com a apropriação progressiva do entendimento e das competências inerentes ao jogo. Os autores salientam a necessidade de implemento das tarefas de treino que oportunizem três tipos de atividades distintas, nomeadamente “formas de básicas de jogo”, “formas parciais do jogo e tarefas baseadas no jogo” (ESTRIGA; MOREIRA, 2013, p. 125). Além disso, observa-se que a sugestão dos autores incide sobre o processo de ensino-aprendizagem-treinamento ocorre por meio de descoberta guiada, experiência da situação de jogo, exploração e tentativas de solucionar os problemas em função das tarefas apresentadas estimulando a capacidade de compreender e agir no jogo, respeitando as capacidades dos praticantes.

Na proposta não há qualquer sistematização em faixas etárias, mas etapas de aprendizagem a serem planejadas de acordo com o tempo de experimentação dos praticantes frente a resolução e a apropriação dos aspectos inerentes ao jogo e ao ato de jogar. Entretanto, propõem que sejam considerados alguns princípios para orientar a estruturação das atividades: formas parciais de jogo e tarefas baseadas no jogo; respeito as estruturas funcionais do jogo; avanços de forma coerente a relação entre os níveis de jogo e as etapas de aprendizagem; aumento gradativo do nível de exigência perceptiva e decisiva (ESTRIGA; MOREIRA, 2013; 2014).

Garganta (1998) apresentou alguns princípios que classificam o nível de jogo praticado (Quadro 1), elencando alguns aspectos observáveis em relação a comunicação nas ações, estruturação espacial e a relação com a bola durante o jogo.

**Quadro 01** - Princípios para orientar a estruturação das tarefas.

Fases	Comunicação na Ação	Estruturação do Espaço	Relação com a bola
<b>Jogo Anárquico</b> – centrado na bola, subfunções, problemas de compreensão do jogo.	Excesso da verbalização, sobretudo para pedir a bola	Aglutinação em torno da bola e subfunções	Elevada utilização da visão central
<b>Descentração</b> – a função não depende apenas da posição da bola	Prevalência da verbalização	Ocupação do espaço em função dos elementos do jogo	Da visão central para a periférica

<b>Estruturação</b> Conscientização da coordenação das funções	- da	Verbalização e comunicação gestual	Ocupação racional do espaço (tática individual e de grupo)	Do controle visual para o proprioceptivo
<b>Elaboração</b> – ações inseridas na estratégia da equipe		Prevalência da comunicação motora	Polivalência funcional Coordenação das ações (tática coletiva)	Otimização das capacidades proprioceptivas

Fonte: Garganta, 1998.

Scaglia *et al.* (2013) propõem uma compreensão desta estrutura tomando como base o conceito de competência por possibilitar uma compreensão que avance de viés limitados às formas de apresentação dos termos. Assim, para os autores a “relação com a bola” é algo que transcende ao aprendizado motor e técnico e se insere no aprendizado das ações táticas a partir de meios abertos para que a imprevisibilidade sempre esteja presente no desenvolvimento desta relação no contexto de jogo.

A relação de estruturação do espaço ancora-se na perspectiva de ler os espaços de jogo orientado sobre as formas de ganhar vantagem sobre a situação seja em dimensões proximais ou distantes, em área reduzida ou formal da modalidade em questão. A comunicação no jogo não reside em conversas, mas numa comunicação corporal desenvolvida a medida em que se aprende a linguagem do jogo, caracterizada sobre a necessidade de compreensão da lógica do jogo (regras, meios gestuais e condutas individuais, de grupo e coletiva), sendo interpretado a luz das circunstâncias (SCAGLIA *et al.*, 2013).

Estriga e Moreira (2013; 2014) apresentam uma relação direta entre as fases de organização do jogo e o processo de seleção de conteúdos e métodos a serem explorados no desenvolvimento da prática do handebol. O modelo de ensino apresentado pelos autores entende que o jogo formal possui grandes exigências organizacionais e excessivas possibilidades de ação e interrelação entre os jogadores. Assim, por meio da descoberta guiada decorrente de situações-problemas propõem situações de aprendizagem com enfoque de “desenvolver a capacidade de fazer escolhas de forma rápida e inteligente” (ESTRIGA; MOREIRA, 2014, p. 58).

As situações de aprendizagem são as formas básicas de jogo, formas parciais de jogo e tarefas baseadas no jogo. As formas básicas de jogo “representam uma redução substancial da quantidade de informação, estímulos e opções de jogo permitindo de um aumento do tempo para decidir” (ESTRIGA; MOREIRA, 2014, p. 59).

As formas parciais de jogo “são situações criadas com restrições de espaço, número e funções dos jogadores visando delimitar um problema tático” (ESTRIGA; MOREIRA, 2014, p. 60). Há enfoque em determinadas situações-problemas, com menor complexidade da forma básica de jogo mantendo as relações de cooperação/oposição presentes das ações de atacar e defender no jogo.

As Tarefas baseadas no jogo são aspectos que possuem ênfase em melhorar o domínio técnico, “mantendo o mais possível a sua estrutura de utilização em determinado contexto de jogo” (ESTRIGA; MOREIRA, 2014, p. 60).

**1º nível de jogo:** do jogo sem sistema à organização rudimentar: Segue as particularidades do jogo anárquico, em que a cooperação ofensiva aparece de forma incipiente com muitos erros de passe e dificuldades de tomada de decisão com domínio rudimentar dos conhecimentos técnicos do jogo. A bola centra a atenção de todos os jogadores (ESTRIGA; MOREIRA, 2013).

**2º nível de jogo:** da organização rudimentar à diferenciação do espaço: Já há uma relação de ocupação do espaço em largura e em profundidade. Busca-se dar continuidade e amadurecimento das condutas táticas básicas, aprofundando nas noções gestuais oriundas da etapa anterior. Surge a necessidade de melhora da cooperação entre os jogadores de ataque e introduzir o conceito de superioridade numérica ofensiva. Do ponto de vista defensivo introdução das noções básicas de defesa por zona e cooperação defensiva.

**3º nível de jogo:** transição para o terreno formal e introdução do 6º jogador (o pivô): Neste nível propõe a utilização do campo formal para o desenvolvimento das atividades, aumentando as exigências e as possibilidades da relação cooperação/oposição. Espera-se que os praticantes compreendam as fases do jogo (defesa, transição, ataque e retorno defensivo), atacando de forma posicional nas diferentes zonas de ação e defendendo a partir da estruturação dos

sistemas defensivos dando continuidade aos aspectos apresentados anteriormente, com a presença do pivô.

**4º nível de jogo – o jogo formal:** Nesta etapa propõe-se o jogo formal, interpretação e compreensão de todos os postos específicos e funções tanto no ataque quanto na defesa, alterando as possibilidades de constrangimentos com a introdução do central potencializando as relações espaço-temporais, comunicacionais e organizacionais por meio da introdução das formas de defesa em duas linhas e o processo de transformação do ataque 3:3 para 2:4.

Em síntese, trata de uma proposta de ensino que toma como referência o aprendizado de condicionantes táticos a partir de estruturas formativas que respeitam os meios de aquisição pelo processo de experiência dos condicionantes do handebol.

### **Estruturas funcionais e o ensino do handebol**

No volume 2, do livro *Iniciação Esportiva Universal*, Greco e Benda (1998) apresenta uma sistematização para o ensino dos meios táticos e técnicos do handebol a partir das estruturas funcionais do jogo, tomando como referência dois princípios metodológicos: priorizar o jogo e resguardar o objetivo da modalidade em questão, no caso, o handebol, fazer gol.

Situações complexas, não muito claras, são melhor aprendidas através de processos incidentais. Neste sentido, propõe como processo o aprendizado incidental, no qual o praticante aprende sem saber que está aprendendo um esporte objetivado, dado as formas de jogo considerar as brincadeiras de rua e adaptações de situações de jogo, estimulando as competências técnicas e táticas para aquisição da capacidade de jogo por meio das estruturas funcionais (GRECO; BENDA, 1998).

Uma Estrutura Funcional para os autores é uma situação de jogo que desenvolve funções de atacantes (com/sem bola) ou defensores (marcando ao jogador com/sem bola), conforme a quantidade de jogadores possibilitando desenvolvimento de comportamentos táticos (de ataque e defesa), que leva a tomar decisões, considerando o contexto socioambiental da situação específica de jogo.

Na sequência, Greco e Benda (1998) apresentam as estruturas funcionais de acordo com as situações que evidenciam aspectos orientados para fase inicial, posicional e situacional criando escala de progressão dentro da própria estrutura, descritos abaixo.

**Estrutura 1 X 0:** descreve atividades de um atacante sem defesa, com ênfase na aprendizagem das técnicas individuais, evidenciando as capacidades de percepção e antecipação de gestos inerentes ao uso das progressões (ciclo de passadas, drible ou duplo ciclo de passadas) ou lançamentos. Do ponto de vista tático lançar nos diferentes ângulos com ou sem goleiro e lançar das diferentes posições da quadra. **Estrutura 1+1 X 0:** descreve atividades também orientadas aos meios gestuais, envolvendo um companheiro, ligados ao passe e a recepção do ponto de vista técnico e do ponto de vista tático as linhas de corrida.

**Estrutura 1x1:** orientada para a finta no ataque e a posição básica defensiva para o combate, estimulando mudanças de direções e os giros de acordo com a percepção do defensor. **Estrutura 1 + 1 x 1:** orientado para a tomada de decisão por meios de procedimentos de uso do coringa (representado pela simbologia “+1” e pode ser tanto fixo quanto móvel) para desenvolvimento de capacidade técnica e tática individual, como passar e sair da marcação, estimulando as ações de desmarcar-se e utilização das fintas com e sem a bola. Defensivamente a interceptação, antecipação e dissuasão. Do ponto de vista das ações táticas em grupo a tabela e as trocas defensivas.

**Estrutura 2x1:** introdução das ações de ataque de grupo em superioridade numérica ofensiva para realização de cruzamentos, passes, cortinas, fixação par e ímpar e defensivamente a interceptação, antecipação e dissuasão. Do ponto de vista individual inicia a compreensão dos conceitos de largura e profundidade, além das ações de assistência.

**Estrutura 2x2:** mantém os princípios anteriores, mas do ponto de vista tático a busca por superioridade numérica seja atacando espaço vazio ou fintando. Na **Estrutura 2 + 1 x 2:** jogo em igualdade numérica, mas com opção do coringa para dar apoio as ações ofensivas no sentido de continuidade da ação enfatizando ações em largura e profundidade.

**Estrutura 3x2:** Enfatizam-se os elementos de assistência nos conceitos de largura e profundidade. Iniciam-se os trabalhos de desdobramentos, no mesmo sentido e no sentido contrário da bola. Do ponto de vista das ações táticas individuais o desmarcar-se; Cortinas ao jogador com e sem bola; priorizar as ações do jogador que estiver sem bola; assistência. Táticas de grupo na largura: cortinas, cruzamentos e desdobramentos e; em profundidade: bloqueio ao jogador com bola e Assistência ao jogador que desdobra.

**Estrutura 3+1 x 3:** enfatizar atividades de desdobramentos partindo de situações de largura e profundidade buscando aplicação dos conceitos de superioridade numérica nas diferentes posições, estimulando ações de ataque após desdobramentos. **Estrutura 3 x 3** e sequencias até o jogo formal 6x6: aprimorar os trabalhos das pequenas sociedades, ou seja, setores da quadra e interações entre jogadores das duas linhas ofensivas.

Em síntese, trata de uma proposta de ensino do handebol com ênfase na experimentação de situações para orientar as decisões baseadas nos indícios por meio da percepção de situações similares já vivenciadas das estruturas que compõem o jogo por meio de estímulo às capacidades coordenativas, habilidades motoras e tomada de decisão.

É possível identificar que há muitas similaridades entre as concepções do que deve ser aprendido nas categorias infantil, cadete e juvenil. Em todas as propostas visam a formação do jogador inteligente. No entanto, é possível identificar dois caminhos: o que estimula a coordenação e as habilidades para orientar o comportamento tático e o outro que estimula percepção do contexto e à medida em que as situações exigirem, abordar as relações motoras para ajudar ao processo de solução e ajustamento.

As estruturas funcionais compõem as bases para todas as proposições, partindo de uma premissa de estimular aspectos que compõem o jogo a serem avançados a partir do aumento da compreensão sobre as possibilidades de interação com os jogadores mais próximos aos jogadores mais distantes.

## Dos modelos ao planejamento e estruturação das sessões de treino

O treinador esportivo preocupa-se com a construção de um ambiente de prática com valores positivos (COTÉ *et al.*, 2017), aplicação dos conceitos e estratégias adequadas aos esportes de invasão (ESTRIGA, MOREIRA, 2014; KNIJNIK, 2009; REVERDITO, SCAGLIA, 2007) tendo consciência das competências pessoais que orientam os valores e meios de propor o desenvolvimento dos conteúdos tático-técnico dos jogos (BETTEGA *et al.*, 2017) em um ambiente que possibilite aos gêneros condições iguais de oferta e oportunidade de vivências esportivas (ANDERETE SCHWEL, 2021).

As sessões de treino devem ser organizadas compreendendo os dados da identificação dentro da periodização, fase de treino e sequência de treino desenvolvido (IBAÑEZ *et al.*, 2010). As variáveis pedagógicas oferecem informações sobre as características da tarefa, conteúdo que se deseja trabalhar, tipo de atividade, relação entre os participantes e explicação de como serão organizados. A organização deve compreender a descrição da tarefa, a representação gráfica, os objetivos para a fase de ataque e para a fase de defesa em cada atividade realizada (IBAÑEZ, 2008).

Os meios são as atividades feitas para atingir determinado fim previamente definidos em função dos objetivos presentes no processo de EAT. Os recursos materiais são os elementos que irão auxiliar o funcionamento das atividades propostas. As variáveis organizativas dedicam-se ao número de jogadores presentes na sessão, a estrutura espacial que foi utilizada, a distribuição temporal da tarefa e a organização dos recursos materiais necessários para a sessão de treino (ALARCÓN, CÁRDENAS, UREÑA, 2008).

Coque (2008; 2009) propõe as variáveis de carga externa permitem ao treinador esportivo uma quantificação da carga de treinamento presente nas tarefas e por consequência, a sessão de treino sem uso de materiais complexos. Para o autor, as variáveis de carga interna estão relacionadas ao monitoramento por meio de frequencímetro para controlar as zonas de intensidade complementada pelas variáveis cinemáticas articuladas com os recursos tecnológicos de localização e posicionamento global.

Com base nestes indicadores para orientar e controlar as sessões de treino, almeja que os treinadores esportivos possuam qualidade em sua intervenção. Proceder análise destes condicionantes descritos por Ibáñez (2009) permitiu conhecer o trabalho realizado ajustando os critérios visando a qualidade, culminando no que o autor chamou de Ciclo Contínuo do Sistema de Qualidade composto por cinco fases que irão orientar condutas do treinador esportivo: dizer o que fazemos; saber o dizemos; registrar o fazemos; avaliar o fazemos e; atuar sobre as diferenças.

A definição dos objetivos orienta o treinador esportivo para a escolha das relações que irão ser estabelecidas durante a estruturação da sessão de treino. Do ponto de vista pedagógico quais as fases adotadas (atividades de aquecimento, preparação física, recuperação, conversa/avaliação, rotina de goleiros, ataque, defesa, mista ou transição); para cada atividade almeja-se uma progressão que considera as situações que serão utilizadas (igualdade numérica, superioridade, ajuda), os tipos de postos de jogo envolvidos e se haverá lançamento ao gol ou não; qual o conteúdo do handebol está estimulando dentre as diversas opções metodológicas existentes e como a oposição irá se comportar frente as ações ofensivas e/ou defensivas (DALLEGRAVE, MENDES, NASCIMENTO, 2016).

Outra competência inerente ao treinador esportivo está na percepção e gerenciamento do tempo útil das tarefas, sendo claro em sua explicação, potencializando as experiências motoras e procurando corrigir orientar em momentos adequados. Com a dinâmica das ações do jogo, faz-se interessante criar atividades com sucessivas experiências frente as situações com uma relação entre o volume e a intensidade similares às enfrentadas no jogo.

A proposta de Ehret *et al.* (2002) para sessões de treino em categorias de formação considera quatro etapas: aquecimento, exercícios básicos, jogos básicos e jogos específicos orientados aos objetivos do jogo. Do ponto de vista da estruturação temporal, propõe três partes, a saber: aproximadamente um terço dedicado ao aquecimento; um terço exercícios básicos e; 1/3 dedicado aos jogos básicos e específicos.

As atividades propostas para o aquecimento são as formas de jogo, orientado aos objetivos do dia por meio de pequenos jogos. “No treinamento de base os exercícios coordenativos têm lugar garantido em todo o programa de aquecimento” (EHRET *et al.* (2002, p. 222). Atividades para o fortalecimento geral do corpo por meio de exercícios de estabilização e força geral e; treinamento técnico com a bola por meio de ações específicas do handebol, incluindo aquecimento o goleiro e lançamentos de postos específicos.

As atividades propostas para os exercícios básicos são os jogos básicos com dinâmica próxima ao jogo estimulando comportamento tático individual. As atividades para exercícios básicos de grupo seria o bloqueio, cruzamento e engajamento (em duplas). Considera-se também as atividades de contra-ataque e treinamento do goleiro.

A terceira etapa da sessão de treino é constituída pelos jogos básicos, tomando como referência os objetivos de sessão dentro das estruturas funcionais já citadas (jogo em superioridade ou igualdade numérica 2x1, 2x2, 3x2 etc.). A quarta etapa, constituída pelos jogos específicos insere-se em jogar o jogo formal, preocupado em evidenciar os conteúdos presentes na sessão de treino. “A ação no handebol é sempre uma ação tática, portanto esta capacidade assume um papel relevante no processo de ensino-aprendizagem” (GRECO; SILVA; GRECO, 2012, p. 237).

Existe uma recomendação de estruturar as sessões de treino orientando o ataque, focando os objetivos coletivos para sanar as situações-problemas, para depois, evidenciar o comportamento defensivo. Outro aspecto pertinente citado situa na orientação organizativa das tarefas, os espaços onde irão acontecer, como serão feitos os rodízios e outros aspectos pertinentes (ESTRIGA; MOREIRA, 2014). Uma vez iniciada a tarefa não interrompa para orientações organizacionais centrando as atenções para os feedbacks que devem ser realizados de forma clara e objetiva, orientada para cada sujeito/situação, evitando parar a atividade para correções, deixando um momento adequado para que isto ocorra.

A proposta de Greco e Benda (1998) apresentam os conteúdos a serem trabalhados a partir das Estruturas funcionais sem delimitar uma faixa etária alvo para cada vivência. No quadro abaixo estão disponibilizados síntese dos conteúdos considerando as categorias infantil (13 e 14 anos), cadete (15 e 16 anos) e juvenil (17 e 18 anos) a partir de

uma sistematização das proposições feitas por Greco e Romero (2012), Ehret et al. (2002) e Estriga e Moreira (2004).

<b>CATEGORIA INFANTIL (13 E 14 ANOS)</b>		
Manual de Handebol (GRECO; ROMERO, 2012)	Treinamento de Base (EHRET et al. 2002)	Ensino do Handebol (ESTRIGA; MOREIRA, 2014)
<b>Em linhas gerais</b>	<b>Em linhas gerais</b>	<b>Em linhas gerais</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Desenvolver capacidades cognitivas (percepção, antecipação, tomada de decisão)</li> <li>- Desenvolver capacidades táticas individuais e do grupo</li> <li>- Iniciação no jogo posicional</li> <li>- Ampliar os exercícios de atenção e dissociação de segmentos musculares (pressão de organização)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Formação motora geral e variada</li> <li>- Tática individual independentemente do nível de desenvolvimento sistemático e da capacidade de jogo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Consolidar as noções táticas básicas e desenvolver os recursos técnicos fundamentais introduzidos na etapa anterior a essa faixa etária.</li> </ul>
<b>Defesa</b>	<b>Defesa</b>	<b>Defesa</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Marcação com sistemas zonais ofensivos: 1:5; 3:3; 3:2:1</li> <li>- Desenvolver capacidade tática individual defensiva: tomar a marcação; posição de corpo e braços; tirar a bola do adversário</li> <li>- Iniciação a marcação zonal em grupo: troca de marcação; seguimento e deslizamento</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Tática individual</li> <li>- Defesa ofensiva (orientada com adversário)</li> <li>- Zona mista 1:5</li> <li>- Recomendação de jogar 5 minutos por treino na marcação individual</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Introdução da defesa à zona alinhada</li> <li>- Consolidar os princípios da defesa em proximidade com o adversário</li> <li>- Introduzir noções básicas de defesa à zona e de cooperação defensiva</li> <li>- Marcação à distância e de interceptação</li> <li>- Ajuda (cobertura e dobra)</li> </ul>
<b>Ataque</b>	<b>Ataque</b>	<b>Ataque</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Iniciação do jogo posicional na formação do ataque 3:3</li> <li>- Desenvolver sentido das mudanças de posição de largura e profundidade da quadra</li> <li>- Tática de grupo: tabelas; cruzamentos; permutas e cortinas</li> <li>- Comportamento tático em situações 1x1 e 2x1</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Troca rápida de defesa e ataque e de posições na largura em profundidade</li> <li>- Tática e técnica individuais (jogo 1:1 e 2:1)</li> <li>- Jogo posicional 3:3</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Assegurar/ desenvolver a ocupação racional do espaço em largura</li> <li>- Transição rápida de defesa para o ataque</li> <li>- Criação de superioridade numérica</li> <li>- Zonas de ataque</li> <li>- Criação de linhas de passe</li> <li>- Penetração sucessivas</li> <li>- Movimento de reposicionamento ofensivo sem bola</li> </ul>

<b>CATEGORIA CADETE (15 E 16 ANOS)</b>		
MANUAL DE HANDEBOL CBHb	MANUAL DE HANDEBOL FEDERAÇÃO ALEMÃ	Ensino do Handebol a partir dos Jogos para Compreensão (TGFU)
<b>Em linhas gerais</b>	<b>Em linhas gerais</b>	<b>Em linhas gerais</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Desenvolver técnicas táticas necessárias às exigências nas diferentes posições e funções na equipe</li> <li>- Continuar a desenvolver as capacidades cognitivas e usar a troca de velocidade na ação de sair da marcação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Início da especialização nas posições</li> <li>- Tática individual dentro do aspecto da universalidade das posições</li> <li>- Desenvolvimento da capacidade do jogo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Consolidação das fintas no vocabulário tático</li> <li>- Noção de bloqueio</li> <li>- Desmarcação de apoio (criação de linhas de passe) e de ruptura (assistência ou finalização)</li> <li>- Aperfeiçoamento dos remates com adequação às funções de jogo nas pontas e interior da defesa</li> <li>- Drible em progressão</li> </ul>
<b>Defesa</b>	<b>Defesa</b>	<b>Defesa</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sistema ofensivo 3:2:1</li> <li>- Desdobramentos e trocas de formação de ataque (estruturas funcionais de 3x3 ou 4x4)</li> <li>- Tática defensiva de grupo: basculação, coberturas de espaço, trocar a marcação, deslizamentos, bloqueios de lançamentos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Defesa ofensiva 3:2:1 orientada com a bola</li> <li>- Nas transformações do ataque para 2:4 – 4:2 ou 3:2:1 ofensivo</li> <li>- Tática de grupo: segurança, cobertura e bloqueio.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Recuperação e identificação do espaço de intervenção no jogo de transição para a defesa</li> <li>- Desenvolvimento dos conceitos de ajuda; corte de linhas de passe para o jogo interior; defesa da baliza em função da linha da bola e das linhas de passe</li> <li>- Pressão defensiva orientada em função do centro de jogo</li> </ul>
<b>Ataque</b>	<b>Ataque</b>	<b>Ataque</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Integrar a tática individual a tática de grupo</li> <li>- Jogo 3x3 com sem curingas e 4x4 com desdobramentos</li> <li>- Fixar a atenção dos seus defensores diretos, realizando ações sem bola.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Jogo posicional e troca de posições de forma variada (3:3-2:4 ataque)</li> <li>- Tática individual em posicionamento específico</li> <li>- Tática de grupo posicional contra-ataques: simples e sustentando</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ataque continuado 3:2 com transformações em 2:3 para introdução do conceito de pivô</li> <li>- Desenvolvimento do jogo em fase e ataque continuado com pivô (ataque em 2:3)</li> </ul>
<b>CATEGORIA JUVENIL (17 E 18 ANOS)</b>		
Manual de Handebol CBHb	Manual de Handebol Federação Alemã	Ensino do Handebol a partir dos Jogos para Compreensão (TGFU)
<b>Em linhas gerais</b>	<b>Em linhas gerais</b>	<b>Em linhas gerais</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ampliar o conceito de jogadores que jogam em várias posições, principalmente em ataque e defesa</li> <li>- Desenvolver capacidade de jogo individual e grupal contra diferentes sistemas defensivos</li> <li>- Domínio de fintas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Treinamento posicional, mas em várias posições (Allrounder)</li> <li>- Desenvolver a capacidade de jogo diferentes formações defensivas e ofensivas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Introduzir o jogador central como organizador</li> <li>- Consolidar mudanças de ritmo na exploração das fases</li> <li>- Recursos aos meios táticos de grupo para criação de situações de superioridade numérica: cruzamento; troca de posto específico; bloqueio e poste</li> </ul>

<b>Defesa</b>	<b>Defesa</b>	<b>Defesa</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sistema defensivo 3:2:1 de forma mais frequente e funcionamento deste sistema frente a mudanças da formação de ataque</li> <li>- Sistema defensivo 5:1 nas diferentes formas de aplicação: defensivo- ofensivo- antecipativo</li> <li>- Troca de formação defensiva e ensaios de marcação individual combinadas com defesas ofensivas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sistema defensivo 3:2:1/defesa 6:0</li> <li>- Tática individual variável orientada com a situação (defensiva, ofensiva, antecipativa)</li> <li>- Aplicação de diferentes formações defensivas no jogo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Defesa zonal em linhas (5:1 e 3:3)</li> <li>- Recursos adequados às fases defensivas</li> <li>- Oposição por prioridades sem rutura da organização defensiva</li> </ul>
<b>Ataque</b>	<b>Ataque</b>	<b>Ataque</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Princípio da continuidade do jogo, particularmente após desdobramentos (3:3 a 2:4)</li> <li>- Diminuir o tempo de duração do ataque no jogo posicional. Variar o tipo de combinações de ataque</li> <li>- Qualidade de variação no tipo de passes e de lançamentos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Dar continuidade ao jogo ofensivo após a ação inicial</li> <li>- Encurtar as fases de armado de jogo</li> <li>- Dar sequencia após o contra-ataque</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ataque em 3:3 e 2:4</li> <li>- Domínio de diversas condutas nas fases de ataque</li> <li>- Domínio de ritmo de jogo nas transições</li> </ul>

Fonte: Amorim (2017)

## Considerações Finais

A sistematização do processo de ensino-aprendizagem-treinamento aplicado ao handebol torna-se necessário tomar como referência os pilares que orientam as formas de jogar a modalidade: cooperação entre os membros de sua equipe e oposição aos adversários ao pensar as tarefas de aprendizagem.

A proposta para sistema de formação esportiva brasileira presente no Manual de Handebol toma como premissa os estágios de formação, transição, decisão e readaptação, cada um com fases peculiares e específicas para orientar as etapas de aprendizagem do handebol. Estas etapas são constituídas ao longo de uma estruturação temporal por meio de uma interação entre as atividades de treinamento, exigências de rendimento e experiências em competições.

A proposta inserida no Manual de Treinamento de Base propõe quatro fases de formação tomando como referência as faixas etárias que orienta a organização das categorias de base no handebol. Toda a proposta de formação é orientada considerando as progressões sucessivas referentes a formação individual, trabalho em pequenos grupos e tática de equipe. Propõe a valorização de elementos técnico-táticos em detrimento à ênfase nas valências físicas. O ataque com proposta de situações de sequência do jogo em perspectiva de ações em pequenas sociedades e a defesa com alta flexibilidade a partir das variações individuais e diferentes formas de jogo defensivo.

O ensino das formas de jogar o handebol tomando como referência o modelo de Jogos para a Compreensão potencializa a dimensão cognitiva e tática na aprendizagem do jogo. As habilidades técnicas emergem à medida que se tornam relevantes para a resolução dos problemas de jogo e o processo de entendimento de sua aplicação em cada contexto tático inerente a cada situação de jogo. As etapas de aprendizagem buscam a partir da lógica interna a apropriação progressiva do entendimento e das competências inerentes ao jogo que partem das formas básicas do jogo por meio de incrementos e controles de situações que manipulem o grau de complexidade.

A proposta da Iniciação Esportiva Universal apresenta uma sistematização para o ensino dos meios táticos e técnicos do handebol a partir das estruturas funcionais do jogo, tomando como referência dois princípios metodológicos: priorizar o jogo e resguardar o objetivo da modalidade em questão, no caso, o handebol, fazer gol. Propõe como processo o aprendizado incidental, no qual o praticante aprende sem saber que está aprendendo um esporte objetivado, dado as formas de jogo considerar as brincadeiras de rua e adaptações de situações de jogo, estimulando as competências técnicas e táticas para aquisição da capacidade de jogo por meio das estruturas funcionais.

Sugere-se, por fim, considerar as dimensões situacionais que tomem como referência o comportamento tático-técnico a partir das estruturas funcionais, utilização de estímulos incidentais para potencializar a capacidade de jogo e a resolução de situações-problema; valer-se de tarefas a partir das formas básicas de jogo em que se estimulem a compreensão do jogo a partir das condutas táticas.

## Referências

ALARCÓN, F.; CÁRDENAS, D.; UREÑA, N. Influencia de los factores de organización de las tareas de aprendizaje sobre los tiempos de práctica del jugador de baloncesto. **Apunts, Educación Física y Deportes**, v.92, p.46-55, 2008.

ANDERETE SCHWAL, M. Que esportes praticam meninos e meninas candidatos a uma escola pré-universitária de Argentina, de acordo com sua origem educacional e gênero. **Cenas Educacionais**, v. 4, p. e10349, 9 jun. 2021.

ANTÓN, J. L. **Balonmano: nuevas aportaciones para el perfeccionamiento y la investigación**. Barcelona: Inde, 2000.

AMORIM, A. M. Desenvolvimento tático-técnico no handebol masculino: estratégias utilizadas nos acampamentos nacionais promovidos pela Confederação Brasileira de Handebol. **Tese (doutorado)** 191 f. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Desportos, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Florianópolis, 2017.

AMORIM, A. M.; AMORIM, A. P. D.; MUSSI, R. F.; NASCIMENTO, J. V. do. Camping as a strategy for sportive development: the model proposed for the brazilian handball. **Research, Society and Development**, v.9, n.11, p.e7779119853, 2020.

BETTEGA, O. B. *et al.* Papéis do treinador esportivo de categorias de base nos jogos esportivos coletivos. IN: GALATTI, *et al* (orgs). **Desenvolvimento de treinadores e atletas: pedagogia do esporte**. Campinas: Editora da Unicamp, 2017. p. 45-57.

PAES, R. R. (orgs) **Desenvolvimento de treinadores e atletas: pedagogia do esporte** vol 1. p. 17-38. Campinas: Editora da UNICAMP, 2017.

CORONADO, J. F. O. **Curso de solidariedade olímpica**. São Paulo: s/e., 2002.

COQUE, I. Valoración subjetiva de la carga del entrenamiento técnico-táctico. Una aplicación práctica (I). Clínic, **Revista Técnica de Baloncesto**, v.81, 39-43, 2008.

COQUE, I. Valoración subjetiva de la carga del entrenamiento técnico-táctico. Una aplicación práctica (II). Clínic, **Revista Técnica de Baloncesto**, v.82, p.42-45, 2009.

CÔTÉ, J. *et al.* Quadro teórico para o desenvolvimento de valores pessoais no processo dinâmico de desenvolvimento pelo esporte. IN: GALATTI, L. R.; SCAGLIA, A. J.; MONTAGNER, P. C.; PAES, R. R. (orgs) **Múltiplos cenários da prática esportiva: pedagogia do esporte** vol 2. p. 15-40. Campinas: Editora da UNICAMP, 2017.

DALLEGRAVE, E. J.; MENDES, J. C.; NASCIMENTO, J. V. Estrutura organizativa do processo de treinamento técnico-tático nas categorias de formação no handebol feminino **E-balonmano. com: Revista de Ciências del Deporte**, v. 14, n. 2, p. 65-70, 2018.

EHRET A.; SPÄTE, D; SCHUBERT, R; ROTH, K. **Manual de handebol: treinamento de base para crianças e adolescentes**. São Paulo: Phorte Editora, 2002.

ESTRIGA, L. MOREIRA, I. Proposta metodológica de ensino no handebol. IN: TAVARES, F (org). **Jogo Desportivos Coletivos: Ensinar a Jogar**. Porto: Ed FADEUP, 2013.

ESTRIGA, L.; MOREIRA, I. **Ensino do Andebol na Escola: Ensinar e aprender**. Universidade do Porto, Faculdade de Desporto. Porto: FADEUP, 2014.

GARGANTA, J. Analisar o jogo nos jogos desportivos coletivos: uma preocupação comum ao treinador e ao investigador. **Horizonte**, v.14, n.83, p.7-14, 1998 1998.

GARGANTA, J. O Treino da tática e da estratégia nos jogos desportivos colectivos. horizontes e órbitas no treino dos jogos desportivos. Júlio Garganta, Garganta, J. & Silva, PC: O jogo de futebol: entre o caos e a regra. **Horizonte**, v. 91, p. 5-8, 2000.

GRECO, P. J.; BENDA, R. N. **Iniciação esportiva universal: metodologia da iniciação esportiva na escola e no clube**. v.2. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

GRECO, P. J.; SILVA, S. A.; GRECO, F. L. O sistema de formação e treinamento esportivo no handebol brasileiro (SFTE-HB) IN: GRECO, P. J; ROMERO, J. J. F. **Manual de Handebol: da iniciação ao alto nível**. São Paulo: Phorte, 2012.

IBÁÑEZ, S. J. La planificación y el control del entrenamiento técnico-táctico en Baloncesto. In TERRADOS, N; CALLEJA, J. (Eds.), **Fisiología, entrenamiento y medicina del Baloncesto**. Barcelona: Paidotribo, 2008. p.231-250

IBÁÑEZ, S. J. La Intervención del entrenador de Baloncesto: Investigación e implicaciones prácticas. In A. Lorenzo, S. J. Ibáñez, & E. Ortega (Eds.), **Aportaciones teóricas y prácticas para el baloncesto del futuro**. Sevilla: Wanceulen Editorial Deportiva, 2009. p.11-30

IBÁÑEZ, S. J.; SÁNCHEZ, F.; BLÁZQUEZ, E. PYC BASKET 2.0. Software para la planificación y control del entrenamiento en baloncesto. In: ARGUDO, F. M.; IBÁÑEX, S. J.; RUIZ, E.; ALONSO, J. I. (Eds.), **Softwares aplicados al entrenamiento e investigación en el deporte**. Sevilla: Wanceulen Editorial Deportiva, 2010. p.23-38

KNIJNIK, J. D. Conceitos básicos para a elaboração de estratégias de ensino e aprendizagem na iniciação à prática do handebol. **Revista Ludens – Ciências do Desporto**, Lisboa, p. 75-81, 2004.

KNIJNIK, J. D. **Handebol: Agón – o espírito do esporte**. São Paulo: Odysseus, 2009.

KROGER, C.; ROTH, K. **Escola da bola: um ABC para iniciantes**. São Paulo: Phorte, 2002.

RODRIGUES, E. C. Apontamentos para orientação de monografia. **Cenas Educacionais**, v. 4, p. e11753, 2021.

REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J. A gestão do processo organizacional do jogo: uma proposta metodológica para o ensino dos jogos coletivos. **Motriz**, v. 13, n. 1, p. 51-63, 2007.

REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J. **Pedagogia do esporte: jogos coletivos de invasão**. São Paulo: Phorte, 2009.

SCAGLIA, A. *et al.* O ensino dos jogos esportivos coletivos: as competências essenciais e a lógica do jogo em meio ao processo organizacional sistêmico. **Movimento**, v. 19, n. 4, 2013.

SILVA, J. **Modelação táctica do processo ofensivo em andebol: estudo de situações de igualdade numérica, 7 vs 7, com recurso à análise sequencial**. 2008. Tese de Doutoramento (Monográfico) FADEUP - Faculdade de Desporto, Universidade do Porto, Porto.

SOUSA, D. J. *et al.* Análisis de las situaciones de juego 2vs2 en el campeonato europeo masculino de balonmano 2012: Aplicación de la técnica de coordenadas polares. **Cuadernos de Psicología del Deporte**, v. 15, n. 1, p. 181-194, 2015.

UEZU, R. **Análise das propostas e iniciativas da Confederação Brasileira de Handebol para o aprimoramento profissional**. 2014. Tese (Doutorado em Pedagogia do Movimento Humano) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, 2014.